

A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA ESCOLA SECUNDÁRIA DE MIRAFLORES ALGUMAS REFLEXÕES

Ana Paula Silva
Andreia Costa
Cátia Freitas
Cátia Formigo

Licenciatura em Geografia/ Ensino
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Palavras-chave: Educação Geográfica, Professores, Escola, Recursos, Autonomia, Cidadania

Com o objectivo principal de fomentar a discussão em torno da problemática da Educação Geográfica e o seu contributo para a Cidadania foi-nos proposto, no âmbito da cadeira de Didáctica da Geografia, o contacto directo com um grupo disciplinar desta disciplina, bem como a observação de algumas aulas – trabalho de campo que desenvolvemos na Escola Secundária de Miraflores, à qual se torna imprescindível agradecer.

O contacto com a realidade escolar permite-nos confrontar a nossa formação fundamentalmente teórica com os problemas concretos do ensino da Geografia, integrando-se assim nas designadas “práticas de imersão”. Com a presente comunicação pretendemos partilhar uma experiência muito interessante e enriquecedora que nos permitiu uma visão mais abrangente da escola, nomeadamente da Educação Geográfica, como alicerce fundamental na formação de cidadãos activos e responsáveis.

1. A Escola Secundária de Miraflores

1.1 Localização e Evolução Histórica

A Escola Secundária de Miraflores localiza-se na freguesia de Algés e no sudeste do concelho de Oeiras, na Área Metropolitana de Lisboa. Iniciou as suas actividades em 1987/1988. No primeiro ano lectivo, somente se leccionou o 7º e 8º ano do Ensino Básico e 10º ano do Ensino Secundário; progressivamente, foi aumentando o

número de anos leccionados e, em 1994/1995 iniciou-se o Ensino Nocturno por Unidades Capitalizáveis, no 3º Ciclo e Curso Complementar.

1.2. Organização Interna

A escola é constituída por um conjunto de seis edifícios (quadro 1) e uma área descoberta com dois campos de futebol, que alternam com quatro campos de basquetebol, um de voleibol, uma pista de corrida e uma para a prática do salto em altura e em comprimento. Ainda usufrui de um pavilhão desportivo coberto cedido pela Câmara Municipal de Oeiras, onde se desenrolam todas as actividades desportivas referidas e outras como a ginástica e o ténis.

Edifício A	Secretaria, sala de directores de turma, sala de professores, conselho executivo, reprografia, salas de informática, biblioteca, centro de recurso, sala de fumo, gabinete médico, sala de assessores e de coordenação do ensino recorrente
Edifício B	Salas de aula, sala de História, sala de informática, sala de educação tecnológica, sala de artes, sala de electrotecnia, laboratório de matemática, sala multicultural, sala de línguas e gabinete de línguas
Edifício C	Salas de aula, salas de educação visual, sala de Filosofia, sala de Psicologia, sala de oficina e expressão dramática, sala de fotografia, gabinete de orientação escolar
Edifício D	Sala de convívio dos alunos, bufete, refeitório, cozinha, associação de estudantes, sala de pessoal não docente, papelaria, galeria 90/ sala multiusos
Edifício E	Salas de aula, laboratório de Biologia, sala de Geografia, gabinete de apoio educativo
Edifício F	Salas de aula, laboratório de Física, laboratório de Química, sala do clube de ciência

Quadro 1 – Infraestruturas

Fonte: Projecto Educativo

Oferece-se aos alunos um conjunto de actividades e espaços que pretendem facilitar a sua aprendizagem como o “Apoio Pedagógico Acrescido”, o “Português como Língua Segunda”, a “Biblioteca”, o “Centro de Recursos”, a “Sala Multimédia” e a “Galeria 90”. O espírito inovador e dinamizador dos alunos e professores ainda permitiram o surgimento de diferentes grupos que desenvolvem actividades desportivas, científicas, artísticas, ambientais, de reflexão humanística e de promoção de várias línguas e da saúde. Todas estas actividades vão de encontro com o Projecto Educativo da escola – *Caminhar para o sucesso... tendo em vista a multiculturalidade, saúde, desporto, respeito pelo ambiente e pela promoção das ciências experimentais.*

1.3. Projecto Educativo

A escola definiu como tema “*Caminhar para o Sucesso*” pretendendo-se que seja um espaço de aprendizagem de um conjunto de aspectos como a multiculturalidade, a saúde, o desporto ou o ambiente, proporcionando-lhes o contacto com experiências científicas e com as tecnologias de informação. Também ao encontro daquele tema, pressupõem-se o respeito de determinados princípios associados à construção de identidades pessoais e de cidadãos íntegros, favorecendo a auto-estima e a orientação para projectos de vida coerentes onde as questões da diferença e multiculturalidade são contempladas e aceites. De uma maneira geral, podemos dizer que o objectivo final será a integração num todo social e cultural nacional e mundial.

Supõe-se a aquisição de um conjunto de competências (quadro 2) consideradas indispensáveis aos princípios que norteiam a nossa identidade e que vão de encontro a uma questão fundamental, a Educação para a Cidadania. Assim sendo, as quatro competências que o Projecto Educativo destaca e que de certo modo se enquadraram nos saberes que a Geografia deve proporcionar são:

- ❖ Formação integral da pessoa: aprender a ser e a agir;
- ❖ Integração no meio;
- ❖ Optimização dos serviços e dos recursos físicos;
- ❖ Potenciação dos recursos humanos da escola.

Valores	Competências	Finalidades
<ul style="list-style-type: none">- Liberdade;- Solidariedade;- Responsabilidade;- Competência científica, humanística e técnica;- Respeito pelo outro;- Respeito pelo Ambiente;- Respeito pela cultura e pelo	<ul style="list-style-type: none">- Exercício de uma cidadania adequada;- Revelar equilíbrio intra-pessoal;- Saber relacionar-se com os outros;- Ser criativo e inovador;- Ser participativo;- Ser autónomo.	<ul style="list-style-type: none">- Mobilizar a articulação das competências que se traduzem num “saber ser”;- Promover e fomentar a aquisição de um quadro de valores e de princípios conducentes ao pleno exercício da cidadania;- Subordinar os recursos físicos e humanos da Escola a um princípio de qualidade que promova a formação integral da pessoa;- Articular a dinâmica da Escola com as necessidades socio-económicas, profissionais e culturais da comunidade

património.

envolvente.

Quadro 2 – Valores, competências e finalidades do Projecto Educativo da Escola

Fonte: Escola Secundária de Miraflores – Projecto Educativo

Entre inúmeras actividades e participações, o Projecto Educativo implica a participação de diversas entidades como a Rede Europeia de Escolas Promotoras da Saúde ou o Observatório Permanente do Ensino Secundário, dispondo ainda dos Serviços Especializados de Apoio Educativo, nomeadamente o Núcleo de Apoio Educativo (NAE) e os Serviços de Psicologia e Orientação (SPO).

O Projecto Educativo da escola foi actualizado recentemente recorrendo à realização de inquéritos ao pessoal docente e não docente de forma a serem valorizados os aspectos positivos e se corrigirem algumas falhas. Os docentes revelam um elevado grau de motivação em relação ao seu trabalho, salientando ainda o sucesso da comunicação intra-pessoal na qual são escutados os diversos pontos de vista. Contudo, também reconhecem alguns pontos a corrigir como a necessidade de melhoria das salas de aula, de serem criados novos locais de trabalho e da logística de apoio aos mesmos, o horário da reprografia, o funcionamento do refeitório, a maior participação dos alunos e o aproveitamento das suas ideias e ainda a necessidade de valorizar e incentivar o trabalho de equipa e um maior envolvimento nas principais decisões.

O Projecto Educativo reúne um conjunto de preocupações iminentes que visam a construção de melhores cidadãos. Contudo, e apesar das “boas intenções”, consideramos que se manifesta utópico, tendo em conta a multiplicidade de aspectos que aborda e a dificuldade de passar das ideias à prática.

1.4. Caracterização da População escolar

A caracterização da população escolar vai ser fulcral para entendermos o tema do Projecto Educativo. Em 2003/04 o corpo docente era composto por 131 professores, dos quais 119 pertencem ao quadro de nomeação definitiva da escola. Nos últimos quatro anos lectivos o número de professores tem vindo a diminuir, de 149, em 1999/2000, para o total antes referido. Para que a escola funcione todos os técnicos, administrativos, pessoal da manutenção e auxiliares de acção educativa são fundamentais, sendo que no último ano estiveram ao seu serviço 42 funcionários.

Em 2003-2004 matricularam-se 1306 alunos, sendo que 719 frequentam o ensino diurno e 587 o nocturno. A escola serve directamente as freguesias de Algés,

Linda-a-Velha e, mais recentemente, alguns bairros sociais das freguesias mais próximas como o da Boavista, de Alfragide e Outorela-Portela. Usufrui assim de um grande poder de atracção sobre uma área de elevada densidade populacional e com grandes disparidades a nível social, económico e cultural. Miraflores encontra-se num enclave social na medida em que a escola se insere num bairro habitado por classes média e média alta, mas recebe alunos de bairros sociais da periferia, com características e possibilidades económicas bastante distintas; muitos provêm de famílias de origem africana ou minorias étnicas e, mais recentemente, começou a receber alunos provenientes de países de Leste e até mesmo de outras partes do Mundo (China, Irão e Paquistão). Estas disparidades parecem não se materializar ao nível das relações entre os vários intervenientes pois parece existir um sentimento colectivo de sociedade escolar, relações de companheirismo, amizade e convívio.

Nesta escola, também é possível identificar um dos principais problemas do sistema escolar apontado por SOUTO GONZÁLEZ (2000), a desmotivação na escolaridade obrigatória e o desinteresse por parte de alunos que não se revêem na escola, em associação com a realidade económica, social e cultural dos discentes. Para percebermos o modo como esta situação se manifesta vamos recorrer aos quadros seguintes.

	N.º de turmas	N.º de alunos matriculados
7º ano	3	90
8º ano	4	95
9º ano	5	106
10º ano	6	187
11º ano	7	130
12º ano	5	111

Quadro 3 – Número de alunos e turmas em 2002/2003

Fonte: Projecto Educativo

No quadro 3 rapidamente detectamos um dos grandes entraves apontados pelos professores para um ensino mais personalizado, ou seja, o elevado número de alunos por turma no Ensino Básico. O Secundário apresenta duas realidades distintas – o 10º ano apresenta um grande número de alunos mas o 11º e 12º anos apresentam uma diminuição progressiva do número de alunos, essencialmente devido ao abandono

escolar e à diminuição da população escolar, apesar das elevadas taxas de sucesso (quadro 4).

	Taxa de sucesso %
7º ano	68,0
8º ano	78,5
9º ano	83,0
10º ano	62,8
11º ano	85,6

Quadro 4 – Taxas de sucesso em 2002/2003

Fonte: Projecto Educativo

Esta situação vai-se reflectir nas candidaturas ao Ensino Superior, sendo que ao longo dos anos têm vindo a diminuir progressivamente, mas os que as apresentam são colocados durante as duas fases e mais de 50% na 1ª opção.

O Ensino Recorrente apresenta uma dinâmica muito particular no contexto escolar na medida em que se denota uma diminuição progressiva no número de matrículas no 3º ciclo, mas um aumento no Ensino Secundário, essencialmente devido às políticas educativas que vão de encontro à necessidade de muitos adultos em idade activa de completarem o ensino secundário.

1.5.O papel do grupo de Geografia na comunidade escolar

A disciplina de Geografia é leccionada por seis elementos que dão aulas ao ensino básico, secundário e recorrente. A participação destes na Gestão da escola é nula. Um docente integra o Conselho Pedagógico, em representação do departamento de Ciências Económicas e Sociais, em sistema de rotatividade – a disciplina encontra-se agrupada com a História, a Economia e a Contabilidade. No Pedagógico, o departamento apresenta as actividades programadas pelo grupo de Geografia, como a própria planificação das actividades lectivas, critérios de avaliação, pareceres, requisição de materiais, elaboração de provas globais e de exames de equivalência à frequência.

O Plano de Actividades, em alguns pontos, vai de encontro ao Projecto Educativo, nomeadamente aquando da realização de visitas de estudo, onde se pretende activar o olhar dos alunos para os problemas ambientais e sociais. A grande maioria das actividades propostas reflecte a problemática da Educação Geográfica, nomeadamente a referente à inserção da Geografia nos meios de comunicação social (figuras 1 e 2).



Figura 1 – Trabalhos dos alunos



Figura 2 – Trabalhos dos alunos

Os professores encaram as actividades como projectos que pretendem englobar diversas disciplinas, ou seja, a multidisciplinaridade, mas dão menos importância a pequenas actividades que poderiam motivar mais os alunos sem terem de sair da escola. As actividades no grupo de Geografia são desenvolvidas, sobretudo, a título individual, com pouco trabalho conjunto. Sugerimos, desde já, quer para este quer para outros grupos disciplinares, uma maior partilha dos projectos pedagógico e didáctico. O dinamismo do Grupo de Geografia evidencia-se, designadamente, nas diligências bem sucedidas para obtenção de uma sala e gabinete próprios. Foi com enorme prazer e surpresa que encontrámos uma sala equipada com computador, impressora e retroprojector, logo, com uma série de instrumentos indispensáveis à boa prática lectiva. Estes foram essenciais para a realização de muitos dos trabalhos expostos nessa mesma sala, como se pode observar nas figuras 3 e 4.



Figura 3 – Material informático



Figura 4 – Retroprojector

1.6. O corpo docente de Geografia

A maioria dos professores de Geografia concluíram a sua licenciatura e, já com habilitação própria, realizaram a sua profissionalização docente. A formação contínua assume um papel fulcral, designadamente através da participação em acções de formação e em Encontros Nacionais de Professores de Geografia. Além destas actividades, os professores dão particular relevância à actualização de conhecimentos através de livros, revistas, revistas científicas, Internet, televisão, etc. – reflectindo a consciência de que a carreira e o conhecimento não são estáticos e completos.

Para uma boa actividade docente os equipamentos e recursos são fundamentais. No entanto, os professores manifestam, na generalidade, desinteresse pela elaboração de materiais, restringindo-se à utilização de instrumentos tradicionais (fichas de leitura, acetatos, mapas...). Os que tentam inovar recorrem a apresentações em data-show, slides ou vídeos, para assim desenvolverem uma maior interacção com os alunos.

Ao nível da inovação metodológica, os professores, seguindo a perspectiva de SOUTO GONZÁLEZ (2000), demonstram alguma desculpabilização face à falta de inovação, salientando que a base do problema reside na excessiva extensão dos programas face à carga horária e ao elevado número de alunos por turma. De alguma forma, os professores estabelecem um “compromisso social” com a comunidade escolar, mas não o assumem em toda a extensão. Tal projecta-se na própria desmotivação dos alunos, com situações de indisciplina. Consideramos que os docentes deveriam valorizar o carácter prático da disciplina, apostar num currículo flexível e na interdisciplinaridade. Para além dos motivos antes apontados, os docentes queixam-se da falta de actualização/adaptação permanente face à frequência das reformas, das políticas de educação não serem elaboradas por professores no activo e, ainda, de se exigirem novas práticas pedagógicas, com uma estrutura (física e humana) inalterável.

Na nossa perspectiva o mais importante é promover a Educação Geográfica e, não tanto, veicular apenas os conteúdos científicos de Geografia – assumindo que a formação nesta área disciplinar deve compreender um conjunto alargado de competências de que a generalidade dos cidadãos se deve apropriar.

2. Observação da prática lectiva

É necessário o desenvolvimento de atitudes, valores e procedimentos que façam dos jovens cidadãos geograficamente competentes. Com o intuito de verificarmos como

todo este processo decorria na Secundária de Miraflores observámos duas aulas de Geografia.

A fundamentação teórica desta etapa assenta, essencialmente, no denominado triângulo didáctico (figura 5):



Figura 5 – Triângulo Didáctico

Fonte: Mérenne-Schoumaker, 1994

Privilegiam-se as diversas componentes do ensino-aprendizagem, bem como os vários intervenientes. Referimo-nos à relação existente entre o professor e o conhecimento (saber), entre o aluno e o conhecimento e, por fim, a relação entre professor e aluno e vice-versa. Tendo em conta este triângulo, propomo-nos a compreender todo o mecanismo que decorre na sala de aula.

Para se fazer uma análise da aprendizagem desenvolvida na sala de aula é necessário considerar algumas dimensões, nomeadamente a física, «que implica a organização do ambiente; outra operativa, que indica a estrutura de tarefas através das quais o professor conduz o assunto; e uma terceira mais global e muito relacionada com as anteriores, que se refere ao clima geral da aula e integra as formas mais características de relação, de implicação nas tarefas de distribuição de papéis, de estimulação, de facilitação e limitação de comportamentos, etc.» (ZABALZA, 2001).

Também a partir do trabalho de preparação na Faculdade enumerámos os aspectos que deveremos ter em conta: o modelo educativo dominante (magistercentrista/ pedocentrísta/ construtivista); a valorização da dimensão social da Geografia; a promoção da visão sistémica da Geografia; os recursos utilizados; a relação pedagógica; e o próprio espaço físico da sala de aula.

2.1. O início da aula

A professora do 7º ano começou por fazer a chamada. Seguidamente, fez uma breve revisão da matéria dada na aula anterior, ora fazendo perguntas dirigidas, ora para quem quisesse responder. O facto de dirigir as suas perguntas permitia que todos os alunos participassem activamente na exploração da matéria, evitando que os menos participativos ficassem excluídos. Quando o aluno a quem foi dirigida a pergunta não sabe a resposta é dada a oportunidade ao que primeiro levantou o braço, e assim sucessivamente, até se obter a resposta mais completa.

A docente começou por fazer um levantamento das ideias prévias – que não foram, contudo, escritas no quadro – o que não será o mais correcto, pois desvaloriza o que é dito pelos alunos. As palavras dos alunos não reflectem a terminologia científica adequada devendo a docente aproveitar para fazer “a ponte” para um discurso mais científico. Com este exercício, os alunos têm uma participação mais activa na construção do seu conhecimento.

No 8º ano, a professora também elaborou o sumário e, depois, procedeu à revisão dos conteúdos da última aula. Deu uma orientação inicial e, a partir daí, deu liberdade para expressarem as suas ideias.

Ambas valorizam uma pequena síntese inicial, o que vai de encontro ao que é defendido por MÉRENNE-SCHOUmaker (1994). No nosso entender, uma estratégia alternativa para o início da aula seria a exploração de um documento que mobilizasse a atenção dos alunos ou o próprio diálogo em torno de uma notícia importante.

2.2. Os recursos didácticos

Os recursos utilizados pelas duas docentes foram semelhantes, diferindo apenas na forma da sua utilização. Basearam-se apenas no livro, acetatos e quadro. No 7º ano, de forma a melhor explicar os factores do clima, foi realizado um exercício em que eram atribuídos valores de temperatura a duas cidades do nosso país, uma no interior e outra do litoral, para o Inverno e Verão. Após a explicação dos motivos que justificavam esta distribuição das temperaturas, repetiu-se o exercício mas, desta feita, foram os alunos a atribuir os valores a cada cidade – tendo por base a utilização do quadro e de um acetato com os contornos de Portugal Continental. Neste exercício, destacamos o apelo ao trabalho dos alunos, numa segunda fase.

Após terem terminado a professora escreveu no quadro as ideias de síntese, tendo avisado que “quem tem livro escusa de copiar” e que bastava sublinhar no mesmo – no que adivinhamos simples práticas de transmissão e memorização de informações. Recordemos, entretanto, que MÉRENNE-SCHOUMAKER (1994) destaca a importância do quadro, por permitir expor as principais ideias, adiantadas ou não pelos alunos; a apresentação de esboços e esquemas e, por último, escrever a terminologia mais difícil para a apreensão dos alunos.

No 8ºano a professora, para alertar os alunos para o comércio externo propôs que, em casa, procurassem produtos com diferentes origens e assinalassem num mapa, que forneceu, os diferentes países. Assim, os alunos desenvolveram o seu conhecimento do mundo e dos países exportadores, mais em particular. Por outro lado, pelo facto de, em Algés, existir um forte comércio chinês, a própria realidade geográfica local acaba por ser valorizada com esta actividade. Este entrosamento na realidade acaba por caracterizar ambas as docentes, o que é muito relevante.

Como actividade de consolidação foi realizada uma ficha, à semelhança do que acontece em todas as aulas de 90 minutos. Esta permitiu a realização de uma síntese da matéria dada na aula, de uma forma activa e divertida.

2.3. Relação Pedagógica

No 8º ano a relação professor-aluno é aberta e marcada por uma forte cumplicidade. A metodologia seguida pela professora aproxima-se bastante da defendida por MÉRENNE-SCHOUMAKER (1994) visto que, ao iniciar cada tema, a docente começa por fazer um levantamento das ideias prévias, seguindo-se o confronto dos alunos com o conhecimento documental disperso. A partir da exploração das ideias prévias são construídas as definições dos conceitos mais importantes, usando-se uma terminologia mais científica.

Se quisermos fazer uma aproximação aos modelos defendidos por SOUTO GONZÁLEZ (1998) podemos considerar que a docente se aproxima, por vezes, do modelo **construtivista**. Promove a reconstrução da informação do aluno, já que todos possuem conhecimentos prévios, duradouros e com coerência interna. O aluno constrói o seu conhecimento através da reflexão e da reconstrução do seu saber. Devem-se colocar questões pertinentes, capazes de mobilizar os alunos já que esta é uma forma de

os motivar, possibilitando a recuperação dos alunos que têm dificuldades de aprendizagem.

Na avaliação, os objectivos definidos pela docente referem-se ao desenvolvimento de capacidades e apontam para a solução de problemas. Como refere SOUTO GONZÁLEZ (1998) tal «promove uma acção educativa que conduza a uma justiça social, ou seja, permitir que os alunos possam realmente ser competentes para o combate social, para lutarem pelas suas oportunidades no mundo laboral, de ócio, decidir como um cidadão». A professora elaborou um guião de trabalho, estimulando a participação activa de todos os alunos, ao longo de várias fases do trabalho.

Em cada aula, a docente segue um plano elaborado previamente, no qual se encontram definidos os objectivos e as competências a atingir, bem como os materiais a utilizar e os principais tópicos que serão abordados no decorrer da sessão. A realização desta planificação contraria um dos erros mais frequentes dos professores, a ausência de reflexão sobre os objectivos e conteúdos a leccionar – assumindo que a planificação deve agrupar «um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar...» (Zabalza, 1987).

No 7º ano, a docente usa uma metodologia “**tradicional melhorada**”: no essencial, o professor expõe os conteúdos, não deixando de incitar à participação dos alunos. Na relação com os alunos, observa-se uma situação de respeito mútuo, mas sem a marca de uma grande afectividade.

2.4. Características dos alunos

A turma do 7º ano é constituída, essencialmente, por alunos repetentes. Os que o não são não têm uma relação tão próxima com os outros colegas.

Na aula alguns são bastante empenhados pois, mesmo quando a professora avisava que não era preciso passar o que estava escrito no quadro, bastando sublinhar no livro, eles faziam as duas coisas. Manifesta-se, assim, a necessidade de terem um caderno com a máxima informação possível, de forma a esclarecerem qualquer dúvida e facilitar o estudo. Ficámos bastante surpreendidas com o facto de estarmos perto do fim do ano lectivo e ainda existirem alunos sem livro. Este facto levou a professora a resumir as ideias principais no quadro, principalmente para estes. Segundo a docente, mesmo sem livro já é bom eles irem à escola.

Em geral, ficámos com a ideia que estes alunos do sétimo ano são participativos e relativamente empenhados, pecando sobretudo por não levarem o material, mesmo aqueles que o têm. Este comportamento leva a docente a dizer que aquela é uma turma muito desmotivada e difícil.

O professor deve ter em conta uma série de conjunturas que influenciam o desempenho dos alunos na sala de aula, de modo a minimizar os obstáculos que dificultam a aprendizagem. O esquema seguinte elucida-nos sobre os elementos da situação didáctica que se devem ter em conta para uma boa prática lectiva: alunos, famílias, dinâmica e recursos da escola e dinâmica e recursos do território (figura 6).



Figura 6 – Esquema de Lodini

Fonte: Zabalza, 1987

De qualquer das formas, a observação desta turma de repetentes deixa-nos algo perplexas: como é possível que alunos razoavelmente empenhados sejam, também, alunos repetentes? O que está mal no nosso sistema de ensino?

No 8º ano, durante a aula, pudemos observar conversas paralelas e recados enviados na tampa das canetas, de um extremo ao outro da sala. No entanto, podemos considerá-los como alunos participativos, apesar da sua participação ser um pouco desordenada. Não metem o braço no ar, querem falar todos ao mesmo tempo, mas há uma certa competição saudável entre eles. Como factores mais negativos destacamos o facto de alguns dos alunos mais inibidos ficarem marginalizados da conversa e do ruído gerado num espaço tão pequeno.

2.5. O espaço físico da sala de aula

A disciplina de Geografia apela a um local específico para a aprendizagem, com grande quantidade de material e espaço em resultado dos trabalhos práticos que são característicos. Segundo MÉRENNE-SCHOUMAKER (1994), os principais auxiliares do ensino da Geografia são:

- ✓ Quadro
- ✓ Manual
- ✓ Caderno diário
- ✓ Trabalhos práticos
- ✓ Atlas
- ✓ Mapas morais
- ✓ Globos terrestres
- ✓ Instrumentos (bússolas, maquetes...)
- ✓ Colecções (rochas, minerais, mapas, fotografias...)
- ✓ Biblioteca (documentos, enciclopédias geográficas, anuários estatísticos...)
- ✓ Aparelhos audiovisuais e informáticos.

Na Escola Secundária de Miraflores tenta-se atribuir uma sala a cada turma, de forma a minimizar os esforços dos alunos, evitando andarem carregados com os livros. Esta situação viabiliza também a exposição dos trabalhos na sala de aula e uma maior identificação com o espaço.

A utilização da sala difere de turma para turma. No 7º ano o espaço dedicado à colocação de trabalho não é utilizado, sendo alvo de assinaturas por parte dos alunos. Um mapa-mundo é o único documento alusivo a alguma disciplina, neste caso a de Geografia. Está ainda exposto o trabalho de português de um aluno.

A sala destinada aos alunos do 8º ano é maior, tem bastantes trabalhos expostos, quer elaborados no âmbito da disciplina de Geografia, quer de outras. Comparativamente ao 7º ano há um maior envolvimento dos alunos com a sala de aula, reflectindo o facto da turma, no seu conjunto, ser mais motivada e participativa. É de sublinhar a iniciativa dos professores que ao exporem os trabalhos dos alunos valorizam o princípio da auto-emulação – o estímulo dos alunos pelo reconhecimento do seu trabalho.

Por fim, gostaríamos de salientar a existência de um poster do actor Schwarzenegger, alusivo ao filme *O Exterminador Implacável 3*. Tal traduz sensibilidade aos interesses e à identificação dos alunos com este espaço.

3. Considerações Finais

A Escola, enquanto instituição, é um alicerce imprescindível na formação de cidadãos, assumindo um papel cada vez mais activo na sua socialização. Para muitos jovens é a sua segunda casa e, nalguns casos, a primeira: muito para além das aprendizagens curriculares, aí constroem relações de amizade e entreajuda, ou seja, relações sociais e de cidadania... que depois marcarão o seu percurso de vida!

Nas Ciências Sociais e Políticas, a Geografia tem, sem dúvida, um papel particularmente relevante na compreensão, por crianças e jovens, das questões sociais, económicas e políticas, às diferentes escalas. No seu ensino, como o nosso trabalho de campo ajuda a constatar, coexistem metodologias diversas, mais tradicionalistas ou que se aproximam de leituras construtivistas, porque mais centradas na exposição de informação pelos alunos, ou mais preocupadas com o desenvolvimento de capacidades, atitudes e valores nos e pelos jovens – contribuindo, assim, para a formação de cidadãos aptos, responsáveis, conscientes do território e das questões sociais.

A deslocação às escolas durante a nossa formação inicial de âmbito mais teórico é fulcral, porque nos induz à observação, questionamento, problematização e procura de propostas adequadas aos desafios pedagógico-didácticos.

A Escola Secundária de Miraflores, como todas as escolas portuguesas, apresenta angústias e contradições na forma como desenvolve o processo de ensino-aprendizagem. Visitar esta Escola e o Grupo de Geografia significa o confronto com a realidade escolar e a reflexão sobre a escola e a educação geográfica que queremos construir. Sabemos que uma educação melhor se faz não por grandes rupturas, mas por passos pequenos, mas decisivos. E corajosos.

Aí estamos para dar esses passos.

4. Bibliografia

- ✓ Bruner, J. S. (1999) – *Para uma Teoria da Educação*, Relógio D' Água Editores, Lisboa
- ✓ Escola Secundária de Miraflores – Projecto Educativo 2003/2006
- ✓ González, S. (2000) – *A Didáctica da Geografia. Dúvidas, Certezas e Compromisso Social dos Professores*, in Inforgeo, nº 15, Edições Colibri/Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa
- ✓ Mérenne-Schoumaker, B. (1994) – *Didáctica da Geografia*, Coleção Horizontes da Didáctica, Edições ASA, Lisboa
- ✓ Mérrenne-Schoumaker, B. (1985) – Savoir Penser L'Espace, *L'Information Geographique*, n.º 49, p. 151-160
- ✓ Zabalza, M.A. (1987) – *A Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições ASA, Lisboa